

# HETEROGENEIDADES DOS BAIRROS SOTEROPOLITANOS E A PERCEPÇÃO DE SEGURANÇA

Mariane Reis Vila Verde<sup>1</sup>  
Leonardo Silvério Santana<sup>2</sup>  
Renato Barbosa Reis<sup>3</sup>

## RESUMO

O território soteropolitano expande-se concomitantemente com a desigualdade e segregação sócioespacial, disparidades latentes entre os bairros, a destinação dos recursos públicos e alocação de equipamentos. O artigo objetiva comparar duas classes econômicas opostas, os bairros da Graça e de São Tomé de Paripe, quanto à sensação de segurança, a partir da percepção dos seus residentes. Para atender o objetivo buscou-se trabalhar com a pesquisa de campo, aplicação de questionários dos dois bairros, com o intuito de captar a percepção dos moradores. Desta forma, é possível ratificar que a sensação de violência, crescente no território soteropolitano, atualmente encontra-se presente em todos os extratos sociais.

**Palavras-chave:** Graça; São Tomé de Paripe; sensação de segurança; Violência.

## HETEROGENEITIES OF THE SOTEROPOLITANOS DISTRICTS AND THE PERCEPTION OF SECURITY

## ABSTRACT

The Soteropolitan territory expands concurrently with inequality and socio-spatial segregation, latent disparities between districts, the allocation of public resources and the allocation of equipment. The article aims to compare two opposing economic classes, the districts of Graça and São Tomé de Paripe, regarding the sense of security, from the perception of their residents. To meet the objective we sought to work with field research, application of questionnaires from both districts, in order to capture the perception of residents. Thus, it is possible to ratify that the sense of violence, growing in the soteropolitan territory, is present in all social extracts.

**Keywords:** Graça; São Tome de Paripe; sense of security; Violence.

---

<sup>1</sup> Arquiteta e Urbanista pela Universidade Salvador – UNIFACS. Mestre em Desenvolvimento Regional e Urbano pela Universidade Salvador – UNIFACS. Doutoranda em Desenvolvimento Regional e Urbano pela Universidade Salvador – UNIFACS. E-mail: mariane.vila@gmail.com

<sup>2</sup> Comunicólogo habilitado em Publicidade e Propaganda, pela Faculdade de Tecnologia e Ciências. Mestrando em Desenvolvimento Regional e Urbano (PPDRU) pela Universidade Salvador – UNIFACS. Discente no PPDRU – Bolsista CNPq Brasil. E-mail: l\_silverio@hotmail.com

<sup>3</sup> Doutor em Biotecnologia, Saúde e Medicina Investigativa - Fundação Oswaldo Cruz, Brasil. Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano. Universidade Salvador, UNIFACS, Brasil. Membro do Grupo de Pesquisas em Turismo e Meio Ambiente – GPTURIS. E-mail: georeis@gmail.com



## 1 INTRODUÇÃO

O processo de urbanização brasileira teve como estopim a revolução industrial que desenfreadamente propiciou um tecido urbano complexo, conduzido pela rápida e desordenada expansão do território, resultando em inúmeros reflexos, tais como: desigualdade de renda, segregação, degradação ambiental, déficit habitacional, ocupações irregulares, precariedades na infraestrutura básica e aumento da criminalidade. O espaço urbano fragmentado em vários territórios resulta em diversas particularidades e peculiaridades próprias, gerando uma identidade, contribuindo com a exclusão social, a criminalidade e enfraquecendo o sentido da palavra sociedade (MARICATO, 1996; SANTOS, 2009; VILLAÇA, 2003).

As disparidades na distribuição da renda são facilmente perceptíveis ao analisar o tecido urbano de Salvador. A faixa de renda da população define o seu local de moradia, agregando as áreas com características similares e dividindo a cidade em zonas de conflito, com bairros geograficamente próximos e realidades distantes. As delimitações dos espaços definem os limites da interação e segregação social, demonstram a qualidade nos serviços públicos e a supressão do sentimento de cidadania. A recorrente contenção e aglomeração da população de baixa renda nas áreas pobres da cidade, somadas aos baixos investimentos em políticas públicas, acarretam na crescente desigualdade, criminalidade e em tantas outras consequências, problemas crônicos enfrentados por grandes centros urbanos (ROCHA, 2008).

A urbanização da cidade de Salvador apresenta todos os aspectos listados anteriormente. Os diversos territórios dentro da cidade são recortes urbanos, denominados de bairros, cada qual com suas características, constituindo uma identidade única que se distingue do restante do tecido urbano, na concepção de Lynch (2006, p. 66), os bairros são “partes razoavelmente grandes da cidade na qual o observador “entra”, e que são percebidas como possuindo alguma característica comum, identificadora”.

O contexto histórico da formação e urbanização da cidade de Salvador foi delimitado, principalmente, pela segregação espacial. A área central e a Orla Atlântica são locais que concentram serviços e comércios, configurando-se como territórios com maiores investimentos em infraestrutura e moradias da classe média e alta; e a área periférica e o subúrbio, compostos por bairros populares, são

caracterizados por serem ilhas de precariedade, sendo fundando em invasões e abarcando irregularidades (CARVALHO, 2008).

A pesquisa em questão busca apresentar dois bairros distintos com realidades econômicas opostas, posteriormente, compara-los em alguns aspectos e, principalmente, analisar a percepção dos moradores quanto a sensação de segurança. Conforme dados do Atlas da Violência (IPEA, 2019), Salvador apresenta-se como a quinta capital mais violenta do país, detendo uma taxa de homicídios de 63,5 a cada 100 mil habitantes em 2017. Os números oficiais registraram 1.314 e 1.763 homicídios, nos anos de 2007 e 2017, respectivamente, correspondendo a uma variação de 34,2%.

O histórico do bairro da Graça confunde-se com a história da cidade de Salvador, tendo em vista que antes da sua fundação, as terras habitadas por índios já eram compartilhadas com o náufrago português Diogo Álvares Correia, também conhecido por Caramuru, que ao casar-se com a filha do cacique, Catharina Paraguaçu, molda o primeiro bairro de Salvador de acordo com os caprichos da índia e anseios da coroa portuguesa. O bairro abriga um dos patrimônios mais importante da cidade, o primeiro templo religioso de Salvador, a Igreja de Nossa Senhora da Graça, construída a pedido de Catharina (FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS, 2019a).

O bairro está localizado na parte alta da cidade, no extremo Sul, situando-se no vértice oceânico da entrada da Baía de Todos os Santos, em uma altitude de 80 metros acima do nível do mar. A Graça foi consolidada como um bairro residencial de alto padrão que abriga as classes altas soteropolitanas.

De acordo com o censo (IBGE, 2010), o bairro possuía em 2010 o total de 19.026 habitantes, com predominância da população do sexo feminino correspondendo a 53% e, da sua população total, 26% considerada idosa. No geral, a população do bairro da Graça possuía um alto grau de instrução e em relação à renda auferida detinha um dos maiores rendimentos domiciliares da cidade, resultando em numa média de R\$4.322,91 para cada pessoa remunerada do bairro, correspondendo a 8,47 salários mínimos.

Análises históricas apontam que as localidades de Paripe e São Tomé de Paripe antecedem a fundação da cidade de Salvador. Devido a distância, a área foi considerada como povoado de administração independente e até o século XVIII

ainda não havia sido legalmente integrada a capital baiana. Devido a sua beleza natural, o bairro inicialmente foi ocupado por casas de veraneio e chácaras (FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS, 2019b).

O bairro de São Tomé de Paripe pertencente ao Subúrbio Ferroviário, parte baixa da cidade, o seu intenso processo de ocupação entre as décadas de 60 e 70, ocasionou em uma localidade com construções irregulares, ausência de planejamento urbano, precariedade dos serviços públicos básicos e com altos índices de violência (CARVALHO, 2008).

No ano de 2010 (IBGE, 2010), o bairro possuía 9.522 habitantes, verificando-se uma divisão aproximada entre os sexos, sendo 49,5% homens e 50,5% mulheres, correspondendo a 4.717 homens e 4.805 mulheres. Ao analisar o grau de instrução da população percebeu-se que 7% da população total não eram alfabetizadas e que a maior parcela dos moradores auferia um rendimento de meio salário mínimo a um salário mínimo, correspondendo a 41% da população, tendo o segundo maior grupo auferindo renda de um a três salários mínimos, total de 22%.

Ao traçar um breve histórico e o perfil socioeconômico dos dois bairros cabe afirmar que o trabalho justifica-se em comparar duas classes econômicas opostas, sendo um grupo residente do primeiro bairro fundado de Salvador, considerado de classe alta, e o outro, o último bairro da cidade, em relação à posição geográfica e um bairro periférico, em relação à questão insegurança. Portanto, se propõe neste artigo, comparar o bairro da Graça e de São Tomé de Paripe, quanto à sensação de segurança, a partir da percepção dos seus residentes.

## 1.1 METODOLOGIA

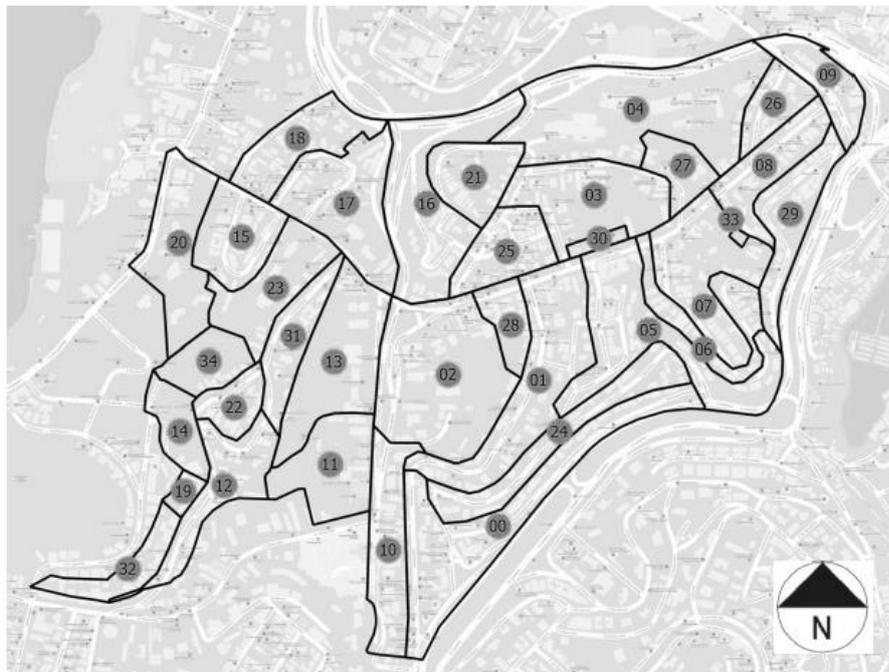
Com o intuito de captar a percepção dos moradores em relação à sensação de segurança dos bairros, buscou-se como ferramenta a coleta de dados primários, através da aplicação de questionários em ambos os bairros.

No bairro da Graça a população residente, segundo o IBGE, no ano de 2010 era de 19.026 moradores, porém, para o estudo em questão o tamanho da amostra foi composto somente por moradores acima dos 18 anos e de ambos os sexos, correspondendo a 16.134 pessoas (IBGE, 2010). Para determinar a amostra representativa da população total foi utilizada a ferramenta de cálculo do OpenEpi 3.0, considerando os seguintes parâmetros: a frequência hipotética do fator do resultado na população foi de 50%, pois não foi encontrado nenhum estudo que trate

da percepção de moradores em relação ao lugar residente com uma população total próxima do estudado; a margem de erro de 5%; efeito de desenho de 1. Desta forma, foi totalizado um tamanho de amostra de 267 questionários a serem aplicados dentro de um intervalo de confiança de 90%.

Para a aplicação dos questionários no bairro de maneira proporcional, foram utilizados os setores censitários do IBGE como unidades espaciais de referência, identificado à população de cada setor censitário e calculando a proporção desta em relação ao contingente total do bairro. A proporção de cada setor determinou a quantidade de questionários que foram aplicados setorialmente no bairro (Figura 1) (Tabela 1).

Figura 1 - Poligonal do bairro da Graça com seus 35 setores censitários enumerados



Fonte: Adaptado do IBGE (Censo 2010).

Tabela 1 - Questionários aplicados por setores censitários e população

SETORES CENSITÁRIOS	POPULAÇÃO TOTAL	POP.SETOR/ POP.TOTAL (%)	QUESTIONÁRIOS APLICADOS
0	360	2%	5
1	952	5%	13
2	949	5%	13
3	583	3%	8
4	547	3%	8
5	714	4%	10
6	588	3%	8
7	766	4%	11
8	654	3%	9
9	325	2%	5
10	728	4%	10
11	615	3%	9
12	353	2%	5
13	531	3%	7
14	451	2%	6
15	634	3%	9
16	659	3%	9
17	757	4%	11
18	712	4%	10
19	227	1%	3
20	572	3%	8
21	588	3%	8
22	344	2%	5
23	469	2%	7
24	730	4%	10

Fonte: Adaptado do IBGE (Censo 2010).

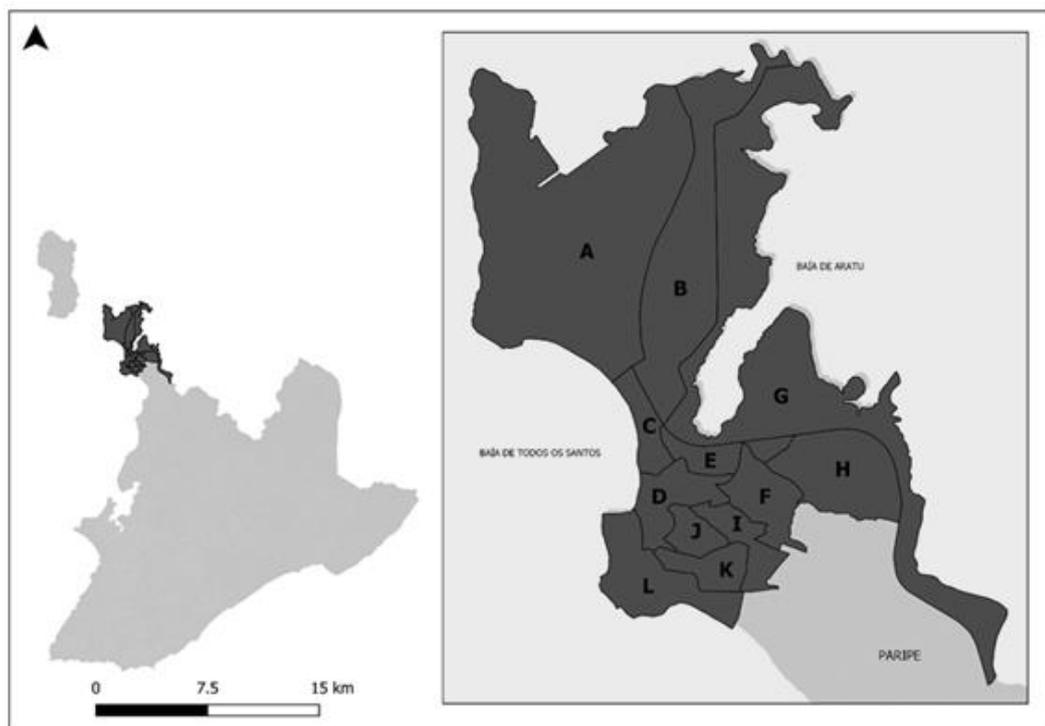
Depois de calculada as proporções, os 267 questionários foram aplicados em um intervalo de doze dias, entre os dias 30 de Julho de 2017 a 10 de Agosto de 2017, em horários distintos e em cada um dos setores censitários.

Após a aplicação dos questionários testes com os moradores, viu-se a necessidade da inclusão da população trabalhadora na pesquisa, pois ao apurar os resultados e por se tratar de um bairro de alto padrão, mais de 50% da população entrevistada não tinham o hábito de transitar a pé pelo bairro. Com o objetivo de complementar o estudo, tendo como aporte as fontes de dados primárias, foram realizados 30 questionários com os trabalhadores locais, o que corresponde a 10% dos estabelecimentos comerciais e serviços existentes no bairro.

No bairro de São Tomé de Paripe, para à delimitação dos setores censitários inseridos no bairro sobrepôs-se a delimitação da malha de setores da Prefeitura de Salvador à malha do IBGE, 2010, chegando-se ao total de 12 setores censitários (Figura 2).

Para método de análise da poligonal do bairro neste estudo, optou-se por excluir dois setores censitários: um referente a Base Naval da Marinha (setor A), por pertencer à União e, portanto, ter configurações próprias e distantes da realidade do bairro, e um segundo por ter a maior parte de seu território pertencente ao bairro de Paripe (setor K), segundo a Prefeitura de Salvador. Desta forma, para finalidade deste estudo considera-se apenas 10 setores censitários como pertencentes ao bairro de São Tomé de Paripe.

Figura 2 - Poligonal do bairro de São Tomé de Paripe com seus 12 setores censitários enumerados



Fonte: Adaptado do IBGE (Censo 2010).

Conforme os dados coletados, o bairro São Tomé de Paripe possuía 9.522 habitantes, segundo IBGE (2010). Considerando uma população heterogênea, o cálculo da amostra para aplicação dos questionários foi realizado no site do OpenEpi, uma calculadora de código aberto, que através da fórmula  $n =$

$[EDFF \cdot Np(1-p)] / [(d2/Z21-\alpha/2 \cdot (N-1) + p \cdot (1-p))]$ , apresentou o tamanho da amostra total de 365 questionários, com grau de confiança estabelecido em 95%.

Para aplicação dos questionários foram sorteados cinco setores censitários do total de dez, com a finalidade de obter amostras heterogêneas e representativas de todo o território do bairro. Os setores sorteados foram os representados pelas letras “B”, “C”, “D”, “E”, e “F”, conforme Tabela 2. Suas respectivas populações constam na tabela com a indicação do número de questionários aplicados, proporcionalmente à população. Vale salientar que os questionários foram aplicados, nos dias 07, 08, 10, 12, 13, e 14 do mês de junho de 2019, para pessoas de ambos os sexos e maiores de 18 anos de idade.

Tabela 2 – Divisão de questionários por setor censitário

<b>Setor censitário</b>	<b>População</b>	<b>Quantidade de Questionários Aplicados</b>
<b>B</b>	460	38
<b>C</b>	663	55
<b>D</b>	1.661	138
<b>E</b>	871	72
<b>F</b>	757	62
<b>Total</b>	<b>4.412</b>	<b>365</b>

Fonte: Adaptado do IBGE (Censo 2010).

Após a aplicação dos questionários, foi realizada a compilação dos dados no programa Epilinfo e através dos resultados obteve-se o embasamento para a criação de gráficos, visando a análise do grau de insegurança da população residente.

## 2 RESULTADOS

Este item versará em apresentar os dados separadamente dos bairros, primeiramente caracterizando a população e posteriormente apresentando os dados quanto à sensação de segurança dos residentes em cada bairro, no caso do bairro da Graça, inclui-se também os trabalhadores.

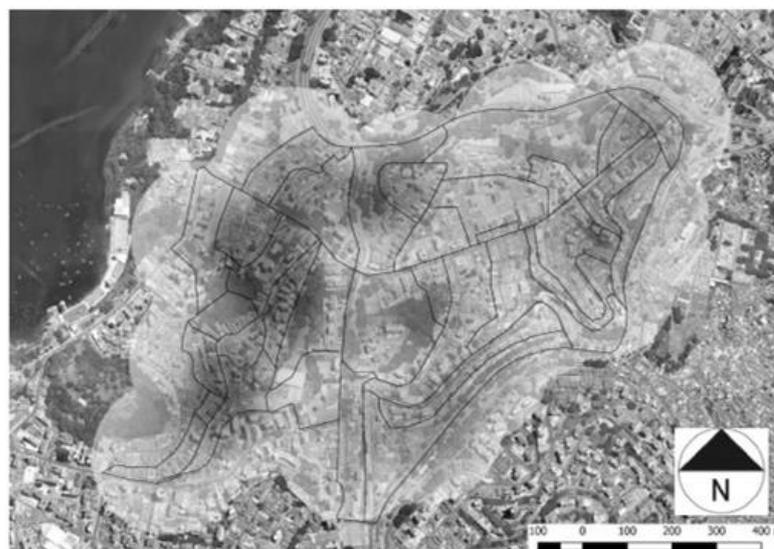
Através dos 267 questionários aplicados aos moradores do bairro da Graça, foi possível traçar uma caracterização dos entrevistados, onde 55% dos abordados corresponderam ao sexo feminino e no total tinha idade média de 48 anos, com 18

anos idade mínima e 90 anos a máxima. Destaca-se a característica do tempo de residência, onde 75% da população responderam que moravam no local há mais de 20 anos.

Em relação à renda, foram estratificadas em duas perguntas, quanto a fonte de renda e a renda média dos entrevistados, desta forma se constatou que aproximadamente, 21% da população trabalham com carteira assinada, 7% sem carteira assinada, 17% eram autônomos ou empresários, 18% aposentado ou pensionista, 16% são funcionários públicos e 21% possuem fonte de renda diferente das citadas acima. Para verificar os dados referentes à renda média, os entrevistados tiveram opções de respostas entre menos de 1 salário mínimo até mais que 10 salários mínimos. Os resultados que mais se destacaram foram os intervalos de 4 a 6 salários mínimos (19,26%) e o de 2 a 4 salários mínimos (18,52%). Destaca-se que 28,41% da população recebem mais que 6 salários mínimos, isso equivale a um valor superior a R\$ 5.500 mensal por pessoa.

Quanto a se sentir seguro no bairro, dos 267 entrevistados, 56,30% afirmou sentir-se seguro, contra 43,70%. Dos moradores que afirmaram não se sentirem seguros no bairro, podemos identificar no mapa abaixo (Figura 3) os setores censitários nos quais residem, verificando-se que os setores 12, 15, 19, 23 e 31 são considerados os mais inseguros do bairro. Dos 56,30% que afirmaram sentir-se seguros, atribuíram a sensação de segurança aos seguintes fatores: Policiamento da PMBA e guarda municipal, segurança privada na rua e prédio e a tranquilidade do bairro.

Figura 3 – Mapa de calor, indicando a população residente entrevistada que se sente insegura no bairro da Graça

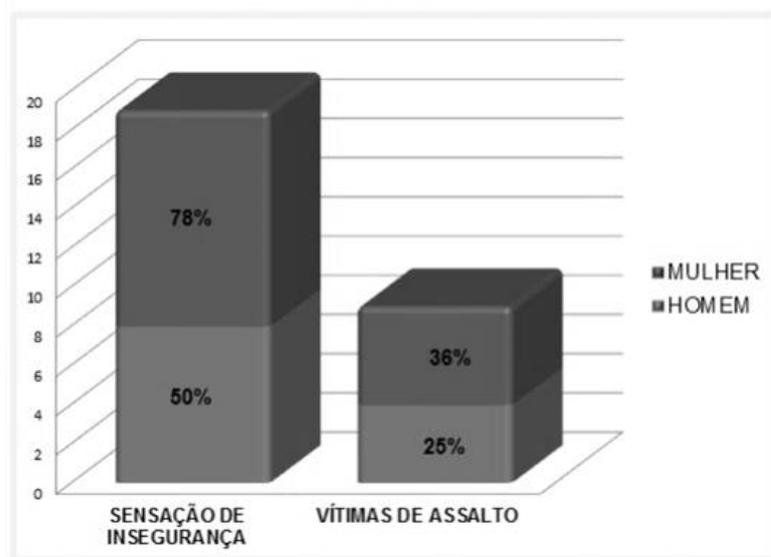


Fonte: Adaptado do IBGE (censo 2010).

Caracterizando a população trabalhadora do bairro da Graça, dentre a amostra utilizada composta por 30 trabalhadores, 53% da abordados foram homens e 47% mulheres. A média de idade dos trabalhadores foi de 35 anos (20 anos idade mínima e 66 anos idade máxima). Quanto à escolaridade, o ensino médio teve maior destaque, com 60%, seguido de ensino fundamental com 27% e nível superior com 10%.

Ao questionar os entrevistados sobre a sensação de segurança ao transitarem pelo bairro, 63% responderam que se sentem inseguros, contudo reconhecem a presença constante das viaturas da Polícia Militar circulando pelas ruas do bairro. Ao estratificar o percentual de pessoas que se sentem seguras no bairro com o percentual de sexo abordado, percebe-se que 50% dos homens se sentem inseguros e 78% das mulheres tem a mesma sensação (Gráfico 01), dentre este percentual de mulheres que se sentem inseguras, destaca-se as que saem do serviço às 14h, correspondendo a 30%, fato relacionado à baixa movimentação de transeuntes durante o período vespertino. Em relação à violência, 30% dos trabalhadores alegam que já foram vítimas de furtos e assaltados no bairro, ao estratificar as vítimas por gênero, notou-se que 25% dos homens e 36% das mulheres já foram assaltados, confirmando as mulheres como o maior contingente trabalhador que se sente inseguro no bairro (Gráfico 1).

Gráfico 1 – População trabalhadora: Sensação de insegurança x vítimas de assalto no bairro da Graça



Fonte: Elaboração própria (2017).

Em relação ao bairro de São Tomé de Paripe, dos 365 questionários aplicados foi possível traçar uma caracterização dos entrevistados, onde 56% dos abordados corresponderam ao sexo feminino e o seu total tinha idade média de 43 anos (18 anos idade mínima e 80 anos idade máxima).

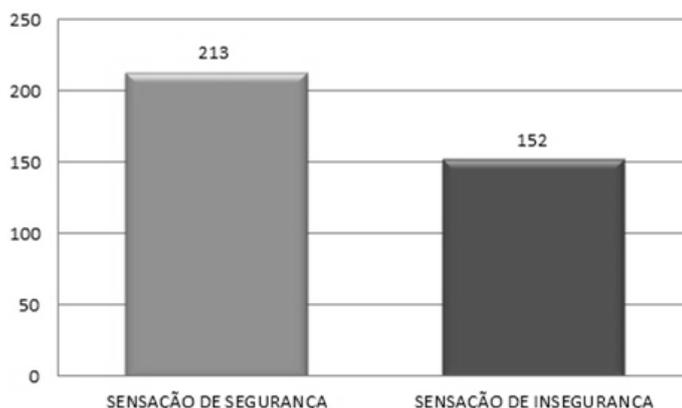
Em relação à renda, foram estratificadas em duas perguntas, quanta a fonte de renda e a renda média dos entrevistados, evidenciando que 29% das pessoas declararam se enquadrar no regime de trabalho com carteira assinada, 22% se intitularam autônomo, 17% trabalham sem a carteira assinada e dos 16% em que “não se aplica”, encontram-se os que não possuem renda ou não responderam. Dentre os respondentes que recebem alguns benefícios, 34% informaram que são beneficiários do Bolsa Família.

Para verificar os dados referentes à renda média, os entrevistados tiveram opções entre menos de 1 salário mínimo até mais de 10 salários mínimos. Desta forma, constatou-se que 60% dos entrevistados, recebem entre 1 e 2 salários mínimos, 20% recebem menos de 1 salário mínimo, o segundo maior percentual, e em terceiro, 14% das pessoas declararam não ter renda mensal.

O questionário aplicado buscou analisar a percepção dos moradores de São Tomé de Paripe sobre o sentimento de segurança, dos 365 entrevistados, 213 afirmaram que se sentem seguros, correspondendo a 58% da população

entrevistada e os 152 moradores restantes responderam que não se sentem seguros (Gráfico 2).

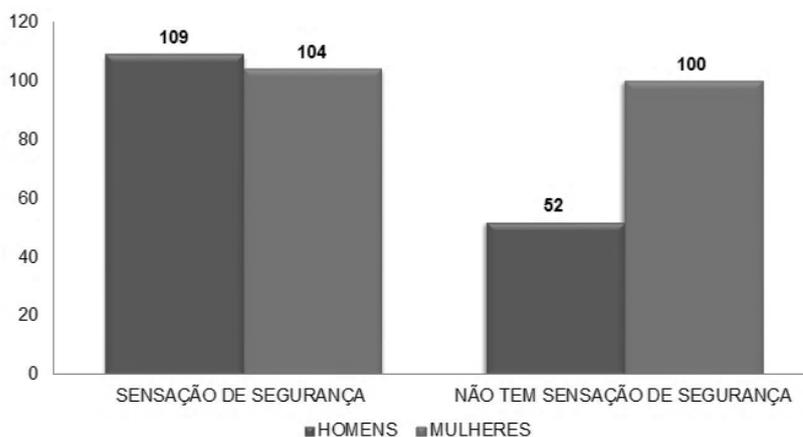
Gráfico 2– Sensação de segurança no bairro de São Tomé de Paripe



Fonte: Elaboração própria, estratificada da pesquisa de campo (2019).

Ao estratificarmos o número total de entrevistados por sexo, temos a proporção conforme Gráfico 3.

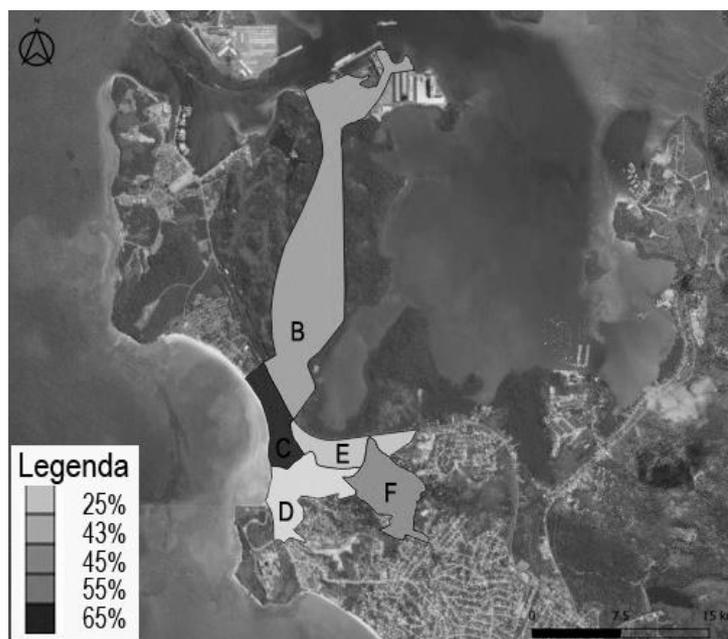
Gráfico 3 – Sensação de segurança no bairro de São Tomé de Paripe



Fonte: Elaboração própria, estratificada da pesquisa de campo (2019).

Ao estratificarmos a quantidade de residentes que não se sentem seguros no bairro e considerando o total de questionários aplicados em cada um dos setores, temos a proporção distribuída conforme Figura 4.

Figura 4 – Proporção de moradores entrevistados que não se sentem seguros



Fonte: Elaboração própria, estratificada da pesquisa de campo (2019).

No menor índice (25%) encontra-se no setor “D”, onde se localiza a maioria dos serviços e comércios, a praça, o restaurante popular e a USF (Unidade de Saúde Familiar). O maior índice (65%) no setor “C”, compreende a faixa da Orla. Tal percepção de insegurança pode ser atribuída a orla, pois nela concentra-se uma maior movimentação de transeuntes, turistas e eventos, com grandes fluxos de pessoas aos finais de semana e de onde partem os barcos de passeio, porém, contrapõe-se ao fato do setor ser limítrofe com a praia de Inema e a Base Naval de Aratu.

### 3 DISCUSSÃO

Os espaços urbanos soteropolitanos contribuem com a dinâmica da cidade, por sua vez, são vistos como uma complexa área de concentração populacional, em forma de segregação territorial.

Ao caracterizar os bairros escolhidos para o estudo, percebe-se duas realidades opostas e bem distintas. A Graça é um bairro de altíssimo padrão da cidade, com oferta de infraestrutura, comércios, serviços e seus residentes detém alto rendimento mensal. Aproximadamente 43% dos moradores alegaram a sensação de insegurança, números relativamente próximos, tendo uma diferença de apenas 34 pessoas entre os que se sentem seguros dos inseguros. Contudo, ao

buscar a percepção dos trabalhadores, destaca-se um alto índice da sensação de insegurança, 63% dos entrevistados.

Considerando que por se tratar de um bairro de classe alta, geralmente os residentes não possuem o hábito de transitar a pé pelas ruas do bairro ou fazer uso dos equipamentos públicos. Destaca-se também a perceptível configuração das residências “fortalezas”, condomínios dotados de cercas, muros altos, câmeras, guaritas, uma ampla estrutura na qual os moradores atribuem e depositam a sua sensação de segurança.

Em São Tomé de Paripe, bairro periférico e de ocupação popular, local historicamente marcado pela precariedade da infraestrutura e escassez de investimentos públicos, ao serem questionados quanto à sensação de segurança, 42% dos entrevistados responderam não se sentirem seguros no bairro que residem.

A simples comparação entre esses dois bairros demonstram os aspectos peculiares e facilmente compreendidos por aqueles que buscam estudar a cidade de Salvador. No quesito segurança pública, no bairro da Graça é notória a assistência dada tanto pela polícia militar, quanto pela guarda municipal. Porém, quando somados a crescente violência em Salvador com os padrões de comportamento dos residentes, percebe-se que o esvaziamento das ruas do bairro da Graça e a pouca movimentação de transeuntes, geram pontos vulneráveis para assaltos e furtos.

Em contrapartida, no bairro de São Tomé de Paripe, o maior índice de sensação de insegurança é visto nos locais de maior movimentação e trânsito de pessoas, atribuído a grande visitação aos finais de semana e em períodos de festas. Logo, pode-se infligir que o baixo efetivo de policiamento e a ausência de atuações constantes da segurança pública, permitem a livre e crescente ação da criminalidade.

Assim como em tantos outros bairros carentes da cidade, percebe-se a predominância de residências simples, sem muros altos, guaritas ou câmeras de segurança, percebe-se que nos locais mais necessitados e onde o poder paralelo atua livremente, a sensação de segurança pode ser atribuída ao tempo de residência no bairro e a perspectiva do cotidiano presente, onde os moradores aprendem a conviver com tal realidade e se acostumam à situação que vivem, ou seja, consideram normal viver em um ambiente inseguro e não tranquilo.

Mesmo com a desconstrução do estigma de que as comunidades carentes são ambientes violentos, tal rótulo ainda é dado as periferias pois os índices ratificam tal preconceito. Na dicotomia pobreza e riqueza, um favorece o avanço da criminalidade pela notável fragilidade social e o outro pelas altas condições econômicas. Os condomínios fechados tornam o ambiente urbano inseguro, renegando as ruas e os espaços públicos. Mas, a partir do momento que ocorre a segregação e diferenciação dos espaços, tanto os residentes das favelas quanto dos condomínios de alto padrão, estão expostos aos mesmos problemas de violência e medo.

Neste contexto, Marcelo Lopes Souza, Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, adverte em seu livro, “Fobópole: O medo generalizado e a militarização da questão urbana”, que a insegurança generalizada presente nas metrópoles fomenta a exclusão e a criminalização do outro. Baseando-se nesta sensação, o indivíduo projeta em seu semelhante a existência de um inimigo, e desta forma, a problemática da insegurança converte os espaços públicos em zonas de conflito e as residências em “fortalezas”, reestruturando os modos de interação social e de vida urbana.

A insegurança é ponto central na pauta de discussões da sociedade e do poder público, e em Salvador, embora existam perspectivas de redução das estatísticas, o medo e a sensação de uma guerra urbana oculta prevalecem nos becos, vielas e ruas por toda a cidade. Concomitantemente, tal insegurança gera o isolamento espacial, os guetos urbanos de habitações cada vez mais seguras e desconectadas do restante da cidade. Enquanto isso, o poder público adota uma postura separatista, baseada na militarização das áreas urbanas e no uso excessivo da repressão para conter (e balizar) a criminalidade nas periferias e subúrbios de Salvador.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Quando se reflete a respeito do cotidiano dos moradores das comunidades carentes, um dos primeiros aspectos externados refere-se ao artigo terceiro da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que estabelece o direito à vida e à segurança. Contudo, o paradoxo neste estudo está no fato da sensação de insegurança ser latente em ambas as realidades estudadas, independente da classe

e padrão social, pois mesmo com elevado investimento em segurança privada, a classe mais favorecida também é afligida.

No território soteropolitano, a crescente violência aos poucos encontra maneiras de se alastrar por todos os extratos sociais, através das fragilidades presentes no ambiente urbano. A ruptura dos espaços ocorreu de tal maneira que não existe trânsito e compartilhamento de recursos igualitário entre eles. Na configuração histórica da metrópole, a população de Salvador, como um todo, ficou sujeita a violência urbana. A maior problemática vista neste estudo foi averiguar à preservação do direito fundamental do cidadão quanto a Segurança Pública, destacando a ineficácia do Estado em cumprir o seu papel.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Inaiá Maria Moreira de; PEREIRA, Gilberto Corso. **Como anda Salvador e sua Região Metropolitana**. 2. ed. Salvador. Editora da UFBA, 2008.

FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS. Graça. **Salvador Cultura todo dia**, 2019. Disponível em: [http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod\\_area=1&cod\\_polo=7](http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod_area=1&cod_polo=7). Acesso em: 28 set. 2019a.

FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS. Paripe / São Tomé De Paripe. **Salvador Cultura todo dia**, 2019. Disponível em: [http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendopolo.php?cod\\_area=6&cod\\_polo=12](http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendopolo.php?cod_area=6&cod_polo=12). Acesso em: 28 set. 2019b.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2010**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010> . Acesso em: 28 set. 2019.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Atlas da Violência dos Municípios Brasileiros 2019**. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/21/atlas-da-violencia-dos-municipios-brasileiros-2019>. Acesso em: 10 out. 2019.

LYNCH, Kevin. **A Imagem Da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MARICATO, E. **Metrópole na periferia do capitalismo: ilegalidade, desigualdade e violência**. São Paulo: Hucitec: 1996. 141p.

ROCHA, Carla Pereira; SILVA, Liliane Ferreira Mariano da. A paisagem do medo: um estudo do bairro da Pituba, Salvador–BA. **RDE - Revista de Desenvolvimento Econômico**. Salvador, v. 10, n. 17, p. 43-48, 2008. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/view/1024/802>. Acesso em: 2 mar. 2020.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SOUZA, Marcelo Lopes. **Fobópole: O Medo Generalizado e a Militarização da Questão Urbana no Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

VILLAÇA, F. A segregação urbana e a justiça. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**. São Paulo, v. 11, n. 44, p. 341-34, 2003. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/Gabrieldibernardi/villaa>. Acesso em: 28 set. 2019.